

INFÂNCIA E NOSTALGIA: EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA EM “A DOLOROSA RAIZ DO MICONDÓ” DE CONCEIÇÃO LIMA

COSTA, Dione Ribeiro (UEPB/PPGLI)
BEZERRA, Rosilda Alves (UEPB/PPGLI/Orientadora)

INTRODUÇÃO

O espaço e o tempo compõem pontos essenciais na constituição poética de Conceição Lima. Assim, o ambiente das ilhas ligado ao passado e o presente, tornam-se elementos fundamentais na construção literária são-tomense. “Afinal, foi com a invenção da escrita, ou antes, na linguagem, a memória, o desejo de lembrar, de guardar algo valioso para a comunidade ou para o indivíduo, veio sendo aprimorada com o passar lento dos tempos” (PINHO, 2011, p. 20).

Neste caso, o passado está ligado a formação e povoamento de São Tomé e Príncipe durante o conturbado processo colonial, e, o presente no que se refere a situação pós-independência – ocorrida em 1975 para todos os países de África que viviam em regime de colônia, inclusive também, São Tomé e Príncipe –, berço de chegada e saída de navios negreiros traficantes de mão de obra negra para outros países.

Reviver o passado para ressignificar o presente, torna-se temática bastante relevante na ontologia poética *A dolorosa raiz do micondó* (2012) da escritora são-tomense, Conceição Lima, natural de Santana. Sendo portanto, a partir da memória que os momentos de nostalgia, que fizeram parte da infância são selecionados e remontados. Por isso, “é interessante ressaltar que a memória está relacionada com a origem do indivíduo, o meio onde se nasce e se vive” (TEIXEIRA, p. 349 et al apud THEODORO, 1998, p. 72).

Por esse viés, seria a forma de buscar referências nas memórias e nos acontecimentos vividos outrora, de um modo particular ou coletivo; resquícios memoriais que serve de base para a autoafirmação identitária do sujeito adulto –, no que diz respeito, essencialmente, as origens étnicas e identitária africana porque.

Através dela, a pessoa pode relatar a sua origem: nascimento, família, cidade, infância, enfim, fatos marcantes que dizem respeito à personalidade adquirida por ela. É, também, por via da memória que se pode constituir a história de uma sociedade, analisando-se passado com a finalidade de entender o presente e construir o futuro. Sem a memória, o indivíduo tende a perder a sua identidade e a sociedade

tende a perder seus referenciais. Por isso é comum as pessoas sentirem necessidade de buscar o seu passado (TEIXEIRA et al, p. 347).

Os referenciais citados acima, são inerentes as memórias individuais e coletivas que Maurice Halbwachs (1990) aborda em seus estudos a respeito das memórias, as quais também fazem parte de todo um contexto histórico, social e político do país e da vida da autora quando esta “acessa experiências suas ou de outros para construir ficção ou poesia” (PINHO, 2011, p. 20), aspecto que se faz presente, sem nenhuma dúvida à escrita poética de Conceição. Quanto a isso,

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Nesta perspectiva, o atual estudo se propõe destrinchamos as reminiscências poéticas do eu lírico, locus principal de reflexão – ao levar em conta a questão da resignificação e autoafirmação do escritor negro, em relação ao sentimento de pertença aos valores étnicos de sua nação. Sendo assim, o artigo analisará o poema: “São João da Vargem”, estando este subdividido em quatro partes: “O anel das folhas”, “Sombra do quintal”, “As vozes” e “Os olhos dos retratos”, presentes no livro de poesia em estudo. Investigaremos entretanto, traços afetivos, que remetam a um processo de construção identitária da criança, sob um ponto de vista afirmativo, no qual o afeto da família será imprescindível para uma ascensão do indivíduo na fase adulta.

O estudo é fundamentalmente teórico, com base em pesquisas bibliográficas de cunho analítico qualitativo, com subsídio teórico e crítico de Hall (2003), Glissant (2005), Mata (2006), Le Goff (1990) e Padilha (2006), entre outros na mesma perspectiva. Para isso, consideraremos também, a questão do pertencimento étnico identitário através da evocação e afirmação de suas origens. Portanto, devemos levar em conta –, a importância de trabalhar a literatura africana de língua portuguesa em todos os âmbitos, tanto acadêmico quanto escolar, tentando desconstruir antigos e novos

estereótipos estigmatizantes – que ainda se faz presente, em termos sociais e educativo na sociedade contemporânea que fazemos parte.

Pretende-se com isso, construir uma identidade negra, positiva e condizente com a História e a diversidade multicultural que o Brasil abrange, a qual estava sendo guiada pela má formação e desinformação dos educadores com relação à História e Literatura africana e afro-brasileira, atualmente vigente no país. Portanto, atualmente, já se pode perceber estudos de valor e bastante significativos relacionados às literaturas de África, a propósito, o presente trabalho faz parte de uma pesquisa que integra um projeto maior de Mestrado, cujo está voltado para a poesia africana de Língua Portuguesa da autora em estudo.

Conceição Lima: as memórias afetiva da infância

A presença marcante e atual de Conceição Lima no campo literário pós-independência fez com que retomasse alguns valores culturais, étnicos, identitários e ancestrais que vai muito além das fronteiras ilhadas, antes voltado para os ideais do colonizador – dentro de uma visão clássica de exaltação e com teor de exotismo, em que buscava-se neste caso, um olhar de aprovação e aceitação favorável ao autor colonizado – o qual era visto como um ser a margem da alta literatura.

O além das fronteiras ilhadas, diz respeito, a busca de novos horizontes – de vida, de produção textual e de perspectiva histórica, isso não significa deixar o passado de lado, mas o “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio” (BHABHA, 1998, p. 21). E ainda com relação a esse fato, Ana Margarida Fonseca (2006, p. 26) acrescenta que “não se trata de procurar efeitos literários, mas de conferir dignidade a um modelo de mundo radicado nas margens de todos os poderes, atribuindo-lhes a voz possível num contexto pós-colonial de valorização das identidades de fronteiras”.

Entretanto, Conceição Lima com vista a fugir dessa visão imbuída de preconceitos e cerceada pelo despropósito dominador, rompe –, com seu discurso poético, moderno e futurista, o silêncio e o desprestígio atribuído aos africanos massacrados pelo poder do colonizador, os quais trabalhavam nas plantações e cultivo de cana-de-açúcar – inicialmente, no povoamento das ilhas –, realizadas por degredados de Portugal ou mesmo por escravos advindos de diversos países, dentro do próprio continente africano, desterritorializados de sua terra e origem, eram obrigados a

trabalharem para manter o poder e prestígio do colonizador. De acordo com Hall (2000, p. 104) nesse cenário, “A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasuras”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual, certas questões-chave não podem ser sequer pensadas.”

Desse modo, os “poemas em que a poetisa, percorrendo vários lugares da sua memória histórica e política, de tempos de vivências eufóricas, encontra alento na afetividade, que quer regenerativa do seu ser e da sua são-tomensidade...” (MATA, 2006, p. 251). Assim, a desterritorialização dos africanos de suas raízes é um processo que – segundo Glissant, acarreta “o rastro/resíduo” dessas pessoas; ou seja, para ele, “o rastro/resíduo supõe e traz em si a divagação do existente, e não o pensamento do ser...” (GLISSANT, 2005, p. 82).

Com o enfraquecimento do negócio canavieiro, e, por sua conseguinte decadência – veio os investimentos nas lavouras do café e cacau, fonte econômica do país. Se sabe que até hoje, as ilhas de São Tomé e Príncipe são umas das maiores produtoras de cacau, e que também exporta para diversos países.

Na primeira parte do poema *São João da Vargem* – proposto para análise, a escritora através de um eu lírico que busca ressignificar a identidade no presente, se projeta para um passado de inocência, mas simbólica –, em termos memoriais e dos ancestrais, com o propósito de assim, explicar a importância desses momentos afetivos para construção e evolução do ser que viera se tornar atualmente.

A significação dessa poesia faz-se, portanto, por via do interseccionamento do plano objetivo, que integra a memória da História, e do plano subjetivo que movimenta a temporalidade de dores e alegrias pessoais expandindo as suas amizades e reoxigenando os seus sonhos e laços familiares (MATA, 2006, p. 247).

O imaginário fluente do eu lírico, o faz viajar nas asas das borboletas e das viuvinhas, apesar de as pessoas próximas insistirem em trazer a realidade, colocando-a no seu lugar. Em sua visão, o mundo se restringia ao que pudesse ver ou supor, porém dentro dos limites das ilhas. Daí surge sua observação, em ele ser grande, mas restrito aquele espaço ilhado, podendo considerar um privilégio por morar e conhecer tão bem esse lugar que lhe pertence. Além disso, temos também – a repetição do pronome

peçoal “eu”, reforçando enfaticamente, o sentimento de pertença afetiva e espacial – de um filho que não nega às origens. Com o trecho abaixo do poema, faremos uma melhor apreensão do que foi dito anteriormente:

Quando eu não era eu
Quando eu ainda não sabia que já era eu
Quando não sabia que era quem sou
os dias eram longos e redondos e cercados
e as noites profundas como almofadas

O mundo era grande e era fechado como um anel
e eu era grande, eu tinha o mundo, eu tinha o anel.

Quando eu fugia com as borboletas
Quando eu voava com as viúvinhas
e me perdia nos canaviais
minha mãe, a voz, descia as escadas
aberta como uma rede.

Então vinha Dadá, do senhor Adálio
suave gigante de olhos de pomba
mãos de algodão p'ra me socorrer

Vinha Dadá, gigante de bomba nos olhos
vinha por mim com mãos de algodão
que agora estão mortas e não me salvarão.

E eu brincava, eu corria, eu tinha o anel,
o mundo era meu. (LIMA, 2012, p. 57; 59)

Dessa forma, o eu poético retoma lembranças de quando criança e dos afetos que foram de grande relevância para seu crescimento pessoal e intelectual, ao qual se apega a uma “consciência de pertencimento a espaços significados” (FONSECA, 2006, p. 55). Sendo este – neste caso, uma infância nostálgica, com teor imaginativo e de inexperiência do que ocorria a sua volta, mas, ao mesmo tempo – que demonstra tal percepção, faz transparecer uma carga reflexiva e de autoconsciência da pessoa, enquanto ser infantil –, que veio para provocar e desestruturar o ambiente e a zona de conforto poético, pouco visto em outros poetas africanos, uma vez que “não perdem de vista o fato de que é preciso representar os referidos modos de vida, para desse modo, romper o muro de silêncio que os cercava, confinando-os sempre em um não-lugar, espécie de limbo histórico-cultural” (PADILHA, 2006, p. 125).

Entretanto, o eu lírico não apresenta certeza de sua capacidade de apreensão, pois se encontra introjetado no mundo da infância, guiado pela beleza simbólica –

fornecida pelo ambiente natural das ilhas. Além do mais, a voz poética assume um caráter autobiográfico – por se valer das memórias individuais que são indiscutivelmente indissociável da vida da escritora, como foi possível perceber no trecho citado acima. Por esse lado, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Com relação a escrita poética de Conceição Lima, Inocência Mata – estudiosa e crítica literária das literaturas africanas de língua portuguesa, além de conterrânea –, considera que a maneira de expressar seus anseios individuais – é muito singular, mas, que através deste – visualiza toda uma coletividade, que com essa atitude contribui significativamente para a identificação das identidades desterritorializadas e rasuradas, uns dos efeitos desencadeados pelo processo colonial de África. Nesta perspectiva, ela ainda ressalta,

Esta poesia alimenta-se, assim, do contraponto entre a destruição do sonho, a exposição de mágoas até então caladas pelos preceitos da oportunidade, a recuperação de fiapos de lembranças felizes do tempo de euforia e da memória de uma vivência feita não apenas de afetos, mas de ação formativa. Faz-se a reavaliação do passado de que resulta a consciência de que aquele tempo, afinal, já continha “presságios hostis”. Daí que a poesia de Conceição Lima, de extração memorialista e de contaminação histórica, intente, ou resulte em a ressignificação do passado urdido com nostalgia. (MATA, 2006, p. 243)

A liberdade do eu lírico nos poemas em análise, gira em torno do quintal da casa aos canaviais, a qual se estende também, no entorno da ilha, se utilizando de imagens e metáforas para descrever a fauna e a flora que compõe o cenário insular, como mostra a seguinte passagem do “O anel das folhas”.

Viviam plantas, viviam troncos, viviam sapos
vivia a escada, vivia a mesa, a voz dos pratos
um untueiro em tamanho maior que tudo
fruteiras em permanente parto de gordos frutos
palpáveis, acessíveis, incansáveis limoeiros
makêkês, beringelas, pega-latos
verdes kimis, ali dormiam longos swá-swás
e ido-ido era a montanha cheia de espinhos
onde os morcegos iam cair no kapwelé.

O micondó era a força parada e recuada
escutava segredos, era soturno, era a fronteira
e tinha frutos que baloiçavam, baloiçavam
nunca paravam de baloiçar.

Não havia horas, ninguém tinha pressa
senão minha mãe
E eu amava na doce vénia dos canaviais
o restolhar de verdes folhas e ondas mansas.

As viuvinhas e pirikitos e keblankanás
— que eu rastejava para agarrar —
erguiam então um alarido de asas e chilreios.
E o mundo voava, o mundo era alto, o mundo era alado.

As borboletas que nada faziam, que só passeavam
tinham guache nas asas, tinham asas, eram lassas
e nada faziam, nada faziam, só passeavam.

Quando eu fugia com as borboletas
Quando eu voava com as viuvinhas
e me perdia nos canaviais
minha mãe, a voz, descia as escadas
aberta como uma rede. (LIMA, 2012, p. 57 – 59)

Com vista a tais aspectos formadores, a poetisa se vale de suas memórias individuais e coletivas exposta por um eu lírico saudoso dos tempos de infância, com a intenção de evocar resquícios da sua infância, a qual viveu cercada pelo amor, cuidados e atenção dos familiares. “Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente (...) o passado, o tempo das origens e dos ancestrais surgindo (...) como época de inocência e felicidade” (LE GOFF, 1990, p. 13 –14).

Os outros poemas também seguem o mesmo ritmo de evocação das lembranças afetivas, o qual se mostra –, de grande valor exemplificativo para o eu poético, confirmar o lugar de onde veio a força de luta e resistência, focando nesse caso específico, nos seus laços afetivos como ponto de segurança para o auge evolutivo do ser adulto entender a história de um povo que faz parte do seu ser, enquanto indivíduo em formação da própria consciência identitária de exilado em seu mundo imaginário, mas, simbólico – para assim, poder crescer em suas afeições.

Além do mais, vendo por esse ponto de vista - “a saudade é condição da procura de si mesmo nos outros e do outro em si mesmo, o que motiva (...) viajarem ao passado, numa descida ao inconsciente mítico-histórico como forma de se definirem no presente” (PALOMO, 2009, p. 11). Explicação que se pode confirmar na II parte do poema, A

sombra do quintal apresentado em seguida.

Quando eu não sabia que era quem sou
Quando eu ainda não sabia que já era eu

Havia Dadá e seu vulto sereno
cercado p'la brisa dos canaviais

Havia Dadá e as mãos de algodão
que me punham de volta no centro do mundo.

Na canoa de andim, relíquia de pedra dos tempos do avô
eu voltava à rede que nunca dormia em minha mãe
e deslizava no velho vagão sobre os carris
que não transportavam montões de cacau.

Eu rodopiava e o mundo girava
girava o terreiro, o kimi era alto
e no tronco eu não via não via não via
o torso rasgado dos serviçais.

E eu corria e ria, eu voava, o mundo era grande
eu tinha o mundo, o quintal era meu. (LIMA, 2012, p. 60 – 61)

A presença dos termos anafóricos, as assonâncias, e aliterações se tornam marcantes em vários versos de todos os poemas que integra *São João da Vargem*, como os termos anafóricos “Quando” e “Havia”, principalmente – o “quando”, advérbio de tempo, com o propósito de focar – um tempo já transcorrido. Por isso, as repetições incansáveis das vogais “a”, “i” e “o”, das consoantes “n”, “d” “v” e “m”, entre outras – umas mais outras menos, mas sempre em movimento quando se refere as observações e constatações relativas a si mesmo e ao meio que se encontra inserida. Com mais destaque ainda, em relação às pessoas que fizeram parte de sua infância; das imagens visualizadas referente à flora e o espaço em si, tudo que de alguma forma contribuiu para a autoidentificação étnica e insular; como está exposto na íntegra também na III parte, em *As vozes*, logo abaixo.

Quando eu corria, quando eu fugia e me perdia
Quando fugia e desaparecia
atrás dos troncos
havia os olhos da tia Espírito
abertos buscando o caminho da luz.

Então vinham as primas da Boa Morte
as velhas primas Venida e Lochina
com ecos de ontem na palma das mãos.

Comiam cola, bebiam água e suspiravam
e quedavam sentadas lá no quintal
falando do avô e de outros fantasmas
abrindo tempos que eu não entendia.

E a tia san Límpia kambuta e nervosa
a tia san Límpia e seu doce de coco
a tia san Límpia que nunca sabia do paradeiro do seu Nicolau.
Além das folhas, além dos troncos, além do anel
havia as comadres de minha mãe.
Havia Vingá que era peixeira e era a mulher de um pescador.
A velha Malanzo, Adelina e Nólíia, eram todas peixeiras.
E havia as filhas que eu não sabia que iriam ser peixeiras
[também.

Pois eu corria pelo quintal, eu descobria o canavial
o mundo era plano, eu tinha o quintal. (LIMA, 2012, p. 62 e 63)

Os poemas seguem um ritmo saudosista da infância, cujo marca a magia fornecida pelo mundo –, através do olhar atento e introspectivo da criança. Belezas vistas por ela, que já não são percebidas e referenciadas – com tanta clareza pelo adulto porque estes, estão preocupados com outras questões – além de estarem sobrecarregados de afazeres que os impedem de curtir o tempo e o espaço oferecido. Por assim ser, “veremos que a poética não é uma arte do sonho e da ilusão, mas sim uma maneira de conceber-se a si mesmo, de conceber a relação consigo mesmo e com o outro e expressá-la. Toda poética constitui uma rede” (GLISSANT, 2005, p. 159). No trecho do poema, *Os olhos dos retratos – IV* e última parte de *São da Vargem*;

Quando eu não sabia que era eu
Quando eu sentia que o mundo era meu
Quando eu não sabia o mundo que era eu

A casa crescia em pernas de pedra
com quartos enormes salas enormes
o enorme telhado de telhas vermelhas
e aquela varanda que não tinha fim.

Era fundo o sótão, era a caverna, era nocturno
e tinha um cheiro de caixas fechadas.

Havia o arquivo com grossos volumes
pesados volumes de folhas de barro
que se espalhavam se fossem tocadas.

Eram altas paredes, lisas as tábuas
com sérios rostos que não falavam
nunca franziam, jamais sorriam
e olhavam p'ra longe, não para mim.

Tinham grandes bigodes aqueles senhores
e o mais revirado era o do meu avô.

A voz de meu pai punha caras concretas
naquelas caras que eram altas, eram difusas
e olhavam p'ra longe, não para mim.

Eram contos antigos que me fascinavam
eram lendas da casa que me embalavam
e eu gostava daquele tom na voz de meu pai.

E eu escutava, depois dormia, depois sonhava.
Eu não meditava, eu não perguntava, eu não decifrava.

Porque eu amava o sussurro dos canaviais
quando a verdade falava no grande quintal.
E eu dormia em paz, a casa era limpa no centro do anel. (LIMA, 2012,
p. 62;66)

No início de todos os poemas, a escritora se utiliza de uma espécie de mote que enfatiza o estado de consciência em que se encontra o eu lírico, para logo em seguida, expor as percepções em relação a natureza, fatos e ações que o mesmo participa ou ouviu falar pelos parentes mais velhos. Neste caso, “o eu poético vai percorrendo espaços, evocando-os através” das paisagens, dos objetos e imagens que são descritas de forma singular e poética. Com isso, a escritora procura “escavar a memória a partir da reconstituição de espaços e da paisagem, lembrando a infância, lugares e eventos que marcaram sua existência” (LIMA, 2010, p. 87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz intimista, o espaço insular, o passado e o presente tornam-se discurso poético de uma voz feminina com tom autobiográfico na escrita literária são-tomense da escritora Conceição Lima. Dessa maneira, o discurso poético está intrincado nos interstícios culturais, territoriais e sociais, tornando assim – de grande valor porque as vozes que emana desse discurso consolida a diversidade e, também, a pluridiscursividade advinda da interação intercultural (HALL, 2003).

A análise deixa entrever que as memórias são portanto, o palco das encenações poéticas que une e desaloja o ser nas suas vivências literárias; é o espaço resguardado para reviver momentos através das lembranças. Existem certas cenas que são relevantes, e, por isso –, internalizadas pelo eu poético, sejam estas, de modo consciente ou inconsciente – dependerá neste caso específico, do estado emocional e de alma do

sujeito no atual momento das sensações apreendidas.

Assim, as memórias literárias relativas à escrita poética no âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, em sua grande maioria, diz respeito – as memórias traumáticas, mas sendo estas utilizadas como força de resistência simbólica contra o poder do colonizador e subalternização dos países dominados.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myrian Ávila, et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FONSECA, Ana Margarida. **Desafios da mestiçagem**: o realismo mágico em questão. In: Veredas, revista da associação internacional de lusitanistas, v. 7, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lusitanistasail.org/descarregar/veredas_7.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Coreografias da escrita literária**: diálogos e modulações. In: Veredas, revista da associação internacional de lusitanistas, v. 7, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lusitanistasail.org/descarregar/veredas_7.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

LIMA, Elizabeth Gonzaga. **Paisagem e memória**. In: Cadernos CESPUC – Belo Horizonte, n. 19, 2010.

MATA, Inocência. **A poesia de Conceição Lima**: o sentido da história das rumações afetivas. In: Veredas, revista da associação internacional de lusitanistas, v. 7, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lusitanistasail.org/descarregar/veredas_7.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

PADILHA, Laura Cavalcante. **O movimento programático do anticolonial no âmbito da literatura angolana**. In: Veredas, revista da associação internacional de lusitanistas, v. 7, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lusitanistasail.org/descarregar/veredas_7.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

2013.

PALOMO, Victor. **Evocação do lugar de origem**: a saudade em “Evocação do Recife” e “Recife”, de Manuel Bandeira. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/64225/66914>>. Acesso em: 28 de out. 2014.

PINHO, Adeíto Manoel. **Perfeitas memórias**: literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

HALL, Stuart. Da diáspora: **identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. In: **A memória coletiva**, trad. Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.

TEXEIRA, Sandra Areias et al. **Drummond e memória**: reconstrução do poeta pela poesia. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/234/313>>.

Acesso em: 20 de nov. 2014.